

Crônica do texto Assassinado

As pessoas que me conhecem de verdade sabem que sou muito mais lógico do que emocional. Poucas coisas me tocam profundamente de uma forma irracional, mas uma delas é a música “Bailes da Vida” de Milton Nascimento. Todas as vezes que escuto ou toco essa música, meu peito se rasga por um sentimento primitivo.

Nunca consegui entender o que se passava comigo ao escutar a voz grave de Milton cantando:

*Cantar era buscar o caminho que vai dar no sol
Tenho comigo as lembranças do que eu era
Para cantar nada era longe, tudo tão bom
'Té a estrada de terra na boléia de caminhão, era sim*

Durante este feriado (12/10), finalmente, consegui compreender por que a música me toca tanto. A explicação não está na minha proximidade com o universo da música, que hoje já não é mais tão próxima assim. O fato é que a música evoca o meu desejo mais profundo de querer levar as minhas reflexões sobre o mundo e as pessoas através da arte.

Cresci com o exemplo de pais que nunca calaram, e, independente do local onde estivessem, sempre lutaram pela liberdade, por mais relativa o que seu conceito possa ser. Assim, minha sina é crer que mesmo *“com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, todo artista tem de ir onde o povo está... Não importando se quem pagou quis ouvir...”*

Considerando que cantar ou, no caso hoje, escrever é a melhor forma de eu interagir com o mundo, sofri uma agressão sem precedente na minha história. Ao postar o texto Carnaval/Canibal, no Overmundo, fui “apedrejado” sob a acusação do meu texto não tratar da cultura brasileira, uma vez que apresenta a versão de um autor Francês para o processo antropofágico que as culturas têm passado no mundo globalizado.

Não posso pensar o Brasil ou a cultura brasileira sem pensar o mundo. Pergunto: O que é cultura brasileira? O que legitima alguém para definir que o que escrevo é pertinente ou não para que os outros leiam? O que se ganha com o assassinato autoritário de um texto?

Se alguém souber, responda, pois se a lógica do certo e errado é parametrizada por especialistas em coisa nenhuma, creio que o Overmundo não deveria carregar como nome tal neologismo. Inclusive sugiro um novo nome, TUPINQUINSIMESMADO.